

Da FAFI à FFC:

uma avaliação

Jayme Wanderley Gasparoto

Como citar: GASPAROTO, J. W. Da FAFI à FFC: uma avaliação. *In:* CARRARA, K. (org.). **Educação, Universidade e Pesquisa**. Marília: Unesp Marília Publicações, 2001. p. 227-232. DOI: <https://doi.org/10.36311/2001.85-86738-16-6.p227-232>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

DA FAFI À FFC: UMA AVALIAÇÃO

Jayme Wanderley GASPAROTO¹

A nossa Unidade será abordada por mim, de um ponto de vista particular, correndo o risco de ser repetitivo e, seguramente, alguns dos aqui presentes já me ouviram falar do assunto. Confesso a vocês que relutei em vir para cá. Por duas razões. Primeira delas, não penso que deva vir aqui simplesmente para tecer elogios à nossa Unidade da Unesp. Nós estamos vivendo grandes dificuldades desde 1977, quando foi criada a Unesp. E a minha relutância é propriamente esta: de, se for só tecer elogios, eu estaria escondendo uma série de fatos ruins que vivi nesta Unidade. E, por outro lado, a minha revolta se deve, também, ao que está ocorrendo com a escola pública.

Realizamos um simpósio científico no qual foram apresentados cerca de 300 trabalhos, com o lançamento de 11 livros de professores da Casa. Além do que, temos desenvolvido um excelente trabalho no Programa de Pós-Graduação em Educação, ao longo dos 10 anos de sua existência, trabalho este ampliado com a instalação recente de mais três programas de pós-graduação, e que projetam a nossa FAFI, buscando recuperar aquela velha imagem que tínhamos lá na Av. Vicente Ferreira.

Mas quando eu vejo que o Sr. Paulo Renato cria um “departamento” para importar professores e profissionais cubanos, ganhando baixos salários, embora em dólares, e que são obrigados a remeter 80% de seus vencimentos ao seu patrão lá em Cuba; quando o BNDES cria uma linha de financiamento a fundo perdido, praticamente, para as escolas particulares, enquanto a Escola Pública está numa penúria cada vez maior, tenho de considerar que o que ocorre aqui em nossa Unidade, durante esta semana, é um ato de heroísmo, embora, ao que parece, as autoridades maiores da Unesp não o vejam dessa

¹ Professor orientador do curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências – Unesp – 17525-900 –Campus de Marília - SP

forma. O que é lamentável, extremamente lamentável, não é? Nós que somos orientadores – e há vários sentados aqui, neste auditório – sabemos o sacrifício que fazemos; muitas vezes, usamos nossos próprios poucos recursos para passar material aos nossos orientandos, para fazer a coisa caminhar. Isto porque a Universidade não tem condições de dar essa assistência, enquanto a escola particular nada de braçadas em rios de dinheiro.

A Prof^a Leonor Tanuri traçou, em linhas gerais, qual foi o projeto de criação dos Institutos Isolados, no Estado de São Paulo, pelo então Governador Jânio Quadros. Vou abordar a criação da FAFI de outro ângulo: o que era a FAFI para nós, sobretudo nós da base da pirâmide social? Porque quando ingressei na FAFI, era ferroviário há um ano; antes disso, eu tinha sido empregado do boteco da estação e mais outras “coisinhas”. Como é que “batia” para nós, para mim em especial, ingressar na FAFI? A FAFI era algo sagrado. Quando ainda aluno secundarista, eu tinha estado na FAFI, para uma exposição de pintura, com a presença do Prof. Mário Schemberg, professor de física na USP, o qual comentou os quadros um a um. Para nós, eu e meus colegas de então, esse fato foi um encantamento.

Para a classe pobre, disputar uma vaga no vestibular representava n dificuldades, além de causar muita estranheza. E devia ser algo muito estranho mesmo, porque, passei no vestibular, o Prof. Lapa foi até a estação ferroviária querendo saber qual foi o ferroviário que tinha ingressado no Curso de Ciências Sociais. Se era estranho, para nós era o ideal. Essas considerações demonstram por quê à nossa faculdade era e é algo a ser amado e preservado.

Se para alguns membros da comunidade mariliense a criação da Faculdade tinha objetivos políticos, para outros o objetivo era outro. E foi o exemplo flagrante da união de todas as correntes da cidade para a criação de uma escola superior. Portanto a FAFI se inseriu na comunidade como algo dela e que merecia todo o apoio dessa comunidade.

Quando havia conferência, mesmo quando não éramos ainda alunos, íamos assistir porque aquilo era um marco, na cidade e na região.

Vejo a situação atual com muita preocupação. A Profa. Arlêta, quando fez a minha apresentação, falou de um convênio que firmei entre a Unesp e a UCDB de Campo Grande (MS) o qual coordeno ainda hoje. Além desse, firmei outro convênio entre a Unesp e a Universidade de Cuiabá. Essas atividades externas me deram a oportunidade de tomar conhecimento de muitas coisas e perceber as diferenças existentes em nosso país. E isso me trouxe muito desencanto e preocupação. Não há uma preocupação efetiva com o nível de ensino e com a pesquisa.

Nesse país, a partir do governo Collor, há uma campanha terrível contra tudo que é público, como se todos os males do Brasil fossem culpa do setor público: seja a Universidade, sejam as Secretarias de Estado, as estatais, os bancos oficiais etc. A Universidade pública em especial tem sido alvo desse ataque. Há, por trás dessa campanha, uma grande falácia, haja vista a privatização da telefonia: quando era Telesp, em praticamente todo lugar havia um telefone à disposição e funcionava; hoje, nem o de casa funciona. É um problema sério.

Agora, o que me deixou muito mais preocupado foi saber que há uma linha de financiamento do BNDES – portanto dinheiro público – para escolas particulares, enquanto a universidade pública é obrigada a fazer parceria com a iniciativa privada, se quiser fazer pesquisa de vulto. Isso significa uma dificuldade maior para nós das Ciências Sociais e da Filosofia: há uma percepção mais fácil da utilidade da educação, da biblioteconomia, da fonoaudiologia. O que não ocorre com as ciências sociais e com a filosofia: para que serve um cientista social, um filósofo? No imaginário empresarial, só para armar encrenca; daí a nossa dificuldade para conseguir parceria.

No entanto, uma coisa deve ficar clara: é só na universidade pública que se produz conhecimento, com as honrosas exceções de praxe. Mas as exceções são escolas comunitárias como, por exemplo, a Fundação Eurípides, a Unimep de Piracicaba, a Mackenzie, a PUCSP. Essas escolas têm uma orientação que não é a da caixa registradora.

Mas algumas dessas escolas comunitárias estão enfrentando sérios problemas: é o caso da PUC/SP e da Mackenzie. Esta última correu o risco de ter o seu curso de Direito fechado sob a alegação de que suas instalações são inadequadas. Ora, esse é um dos melhores cursos de Direito do país. Quanto às suas instalações, são patrimônio histórico, tombado, o que impede sua alteração.

Se as Universidades públicas, bem como as comunitárias – que não se orientam pela caixa registradora – estão com sérios problemas, o mesmo não ocorre com as demais, as quais contam com as benesses do Governo, inclusive recebendo dinheiro de organismos internacionais.

Há um projeto de desmonte em execução; e, então, fico pensando o que será que passa pela cabeça do Fernando Henrique? Não é possível concordar com o que o Senhor Presidente está perpetuando. Conquistas de 100 anos e direitos sociais estão sendo retirados do povo.

E quanto às estatais? Vejam o caso da Light: não podia ser uma estatal, mas foi comprada por uma estatal francesa, e com dinheiro do BNDES e, providencialmente, assim que assumiu aquela empresa de eletricidade, transferiu o seu laboratório de pesquisa do Rio de Janeiro para Paris. Agora nossas pesquisas serão feitas em Paris e, sempre que a Light usar tecnologia da estatal francesa, terá de pagar royalties.

Vejam, também, o que ocorre com os laboratórios farmacológicos: talvez nenhum, ainda brasileiro, o que significa não fazer mais pesquisa independente do capitalismo internacional.

Esses são apenas alguns exemplos da fúria de desmonte do patrimônio brasileiro.

Por isso eu disse que a realização desse simpósio é um ato de heroísmo; só a duras penas, pode ser realizado.

Por outro lado, a Universidade pública está perdendo a grande maioria dos seus professores, porque os salários estão defasados e faltam condições de trabalho. A Universidade pública investiu na formação de pessoal

de alto nível e agora está *expulsando* esse pessoal. Quem está lucrando com isso? As escolas particulares que não formaram esse pessoal.

Eu estou me aposentando, inclusive com perda de salário. Não obstante, vou continuar aqui, sem ganhar nada, nos cursos de pós-graduação e orientando mestrandos e doutorandos, aliás, como inúmeros colegas estão fazendo. Por dedicação à nossa FAFI. Se a Universidade nos desse condições, eu não estaria me aposentando, como o Prof. Lauro e o Prof. Celestino, aqui presentes, não o teriam feito. Realmente, tudo está cada vez mais difícil. Peço desculpas pelo tom enfático e pouco acadêmico do meu discurso. Obrigado.